

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS

CAROLINE DOS SANTOS CARDOSO

**LITERATURA E HISTÓRIA NA TRILOGIA DE CYRO MARTINS:  
A REPRESENTAÇÃO DOS GAÚCHOS E DAS PRENDAS A PÉ**

Porto Alegre

2009

CAROLINE DOS SANTOS CARDOSO

**LITERATURA E HISTÓRIA NA TRILOGIA DE CYRO MARTINS:  
A REPRESENTAÇÃO DOS GAÚCHOS E DAS PRENDAS A PÉ**

Monografia apresentada como requisito à conclusão do Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Kohlrausch

Porto Alegre

2009

A meus familiares, que foram o incentivo e o apoio durante o percurso de minha formação.

## RESUMO

O presente trabalho apresenta a análise das obras que constituem a trilogia do gaúcho a pé de Cyro Martins, *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova*, levando em consideração quatro elementos principais: a história, a literatura, as personagens masculinas e as personagens femininas, os quais serão estudados de forma comparativa em relação à construção interna dos romances, ou seja, como se dá a relação entre realidade e ficção e como o autor representa os gaúchos e as prendas a pé frente ao contexto social retratado.

**PALAVRAS-CHAVE:** HISTÓRIA. LITERATURA. GAÚCHOS E PRENDAS A PÉ.

## RESUMEN

Este trabajo presenta un análisis de las obras que componen la trilogía “do gaúcho a pé” de Cyro Martins, *Sem rumo*, *Porteira fechada* y *Estrada nova*, llevando en consideración cuatro elementos principales: la historia, la literatura, los personajes masculinos y los personajes femeninos. Estos elementos fueron estudiados de modo comparativo en relación a la construcción interna de las novelas, enseñando como ocurre la relación entre realidad y ficción en la representación “dos gaúchos e das prendas a pé” frente al contexto social representado.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTO HISTÓRICO: O RIO GRANDE DO SUL DE 1930 A 1950 .....</b>	<b>8</b>
<b>2.1</b>	<b>Rio Grande do Sul: a política nas primeiras décadas do século XX .....</b>	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>Aspectos econômicos e sociais no Rio Grande do Sul (1930 a 1950) .....</b>	<b>11</b>
<b>2.3</b>	<b>Século XX: a participação feminina na história do Rio Grande do Sul.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>A TRILOGIA DO GAÚCHO A PÉ: REALIDADE E FICÇÃO NOS ROMANCES DE CYRO MARTINS .....</b>	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b><i>Sem rumo: A supremacia do Partido Republicano Rio-Grandense .....</i></b>	<b>17</b>
<b>3.2</b>	<b><i>Porteira fechada: os detentores do poder político perdem força.....</i></b>	<b>21</b>
<b>3.3</b>	<b><i>Estrada nova: uma nova perspectiva política.....</i></b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>OS GAÚCHOS E AS PRENDAS: A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS MASCULINAS E FEMININAS NA OBRA DE CYRO MARTINS.....</b>	<b>27</b>
<b>4.1</b>	<b>Chiru, João Guedes e Janguta: a representação do gaúcho a pé .....</b>	<b>28</b>
<b>4.2</b>	<b>Alzira, Maria José e Francisca: a representação da prenda a pé.....</b>	<b>32</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Cyro Martins, um dos principais escritores rio-grandenses, apresenta em sua obra, principalmente nas que constituem a trilogia do gaúcho a pé, *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova*, a real situação do homem do campo frente aos problemas socioeconômicos que marcaram o Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. Ao representar a decadência do homem do pampa através das personagens Chiru, João Guedes e Janguta, o autor desconstrói a imagem idealizada do monarca das coxilhas, apresentando aos leitores uma nova visão do gaúcho pampiano. Cyro Martins deixa claro esta intenção denunciativa de desconstruir o mito do gaúcho sulino:

Quero salientar que nunca quis contribuir com a ampliação da mentira do monarca das coxilhas. Nunca tratei o gaúcho como personagem em estilo ufanista. Pelo contrário, procurei ser realista, para poder ser útil de alguma forma.<sup>1</sup>

Além de representar um novo viés em relação à representação do gaúcho rio-grandense, o autor também apresenta em suas obras elementos que caracterizam a história do Rio Grande do Sul, os quais dão suporte às ações e aos destinos de suas personagens, tanto homens quanto mulheres, principalmente aqueles oriundos da zona rural.

A partir dessas informações, com vistas a uma melhor compreensão dessas marcas, surge a idéia de realizar uma análise da trilogia com o objetivo de mostrar como se dá a construção interna dos romances, levando em consideração quatro elementos principais: a história, a literatura, as personagens masculinas e as personagens femininas. Para isso, a estrutura do trabalho organiza-se na análise comparativa entre ficção e história e na representatividade das personagens femininas nas obras, sendo que estas serão comparadas com as personagens masculinas, pois ambos estão inseridos no mesmo contexto social, o que possibilita uma análise de como cada um deles reagiu frente aos problemas políticos, sociais e econômicos que marcaram toda uma geração.

Os estudos acerca da trilogia do gaúcho a pé centram-se, em sua grande maioria, na representação do homem, o qual perde o campo, o cavalo e a dignidade. Em função disso, o objetivo deste trabalho é apresentar, além da comparação entre história e literatura, como as personagens femininas também são significativas nas três obras, uma vez que elas estão

---

<sup>1</sup> Universitário, v.3, nº 35, 1981. Entrevista concedida a Álvaro Teixeira. Apud: APPEL, Carlos Jorge. **As coxilhas sem monarcas**. In: RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. **Autores Gaúchos**: Cyro Martins. 6 ed. Porto Alegre: IEL: ULBRA: AGE, 1995

diretamente inseridas no contexto social da época, ou seja, não são apenas os homens que sofreram com os problemas sociais, mas também as mulheres.

Realizar-se-á um estudo comparativo dos elementos internos que constituem as obras da trilogia, ou seja, como Cyro Martins apresenta a história em seu universo ficcional e, também, como ele explora a representação dos homens e das mulheres rio-grandenses. Para isso, primeiramente, serão apresentados alguns dos acontecimentos que marcaram a história do Rio Grande do Sul e como tais fatos foram utilizados na construção dos romances. Posteriormente, verificar-se-á como a representação de homens e mulheres se dá nas obras, visando, desta forma, a análise não apenas dos gaúchos a pé, mas também das prendas a pé. Por fim, apresentam-se as considerações finais acerca da análise realizada e as referências bibliográficas utilizadas como fontes para elaboração deste trabalho.



## 2 CONTEXTO HISTÓRICO: O RIO GRANDE DO SUL DE 1930 A 1950

A trilogia do gaúcho a pé, de Cyro Martins, está centralizada em um contexto econômico, político e social que marcou a história do Brasil e, principalmente, do Rio Grande do Sul. As obras que constituem a trilogia, *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954), permeiam, no desenrolar dos acontecimentos, os fatos históricos que ocorreram no período de 1930 a 1950.

Ao representar em sua obra a decadência do homem do pampa, Cyro Martins apresenta ao leitor os problemas sociais que marcaram toda uma geração. A visão idealizadora do “monarca das coxilhas”, do gaúcho e de seu fiel companheiro, o cavalo, do ser aguerrido detentor de ideais e de valores inquestionáveis, representado na obra literária rio-grandense desde o Partenon Literário (século XIX), se desfaz. A decadência social do gaúcho, o abandono do campo, a migração para as cidades, a pobreza e a fome que eram reflexos do novo sistema social que surgia aos poucos no Estado, devido à falta de trabalho e de oportunidades, são características que substituem, dentro da produção literária, principalmente a partir do romance de 30, a figura mitificada do gaúcho. Cyro Martins, ao representar ficcionalmente este homem do campo marginalizado, desconstrói o personagem heróico do pampa, conforme afirmação da historiadora Sandra Jatahy Pesavento:

O estereótipo deste padrão identitário de referência se consolida com a figura arquetípica regional, este gaúcho super-homem, “monarca das coxilhas”, “centauro dos pampas”. A esta visão grandiosa, atemporal, glamourizada, e de ampla aceitação, contrapõe-se um outro gaúcho, em correspondência com um outro Rio Grande, e que é dado a ver pela obra de Cyro; sem cavalo nem terra, desfaz-se a identidade do centauro e do monarca. Ao Rio Grande das glórias e das batalhas e ao gaúcho vencedor dos castelhanos, sentinela da fronteira, ergue-se - ou melhor curva-se... - outro, o andarilho do “corredor”, o proletário do campo, expulso do latifúndio, em humilhante caminhada a pé que o leva até a cidade, onde um destino ingrato o espera. Trabalhador não especializado, lhe resta a pobreza na periferia urbana, o aviltamento, a degradação.<sup>2</sup>

A representação desta nova visão do homem do pampa vem acompanhada, dentro das obras que constituem a trilogia do gaúcho a pé, pelos fatos históricos que marcaram a história do Rio Grande do Sul, fatos estes que sustentam e justificam as ações, a trajetória e o contexto em que estão envolvidas as personagens. Entretanto, antes de apresentar a análise das obras de Cyro Martins, que fazem parte da trilogia, faz-se necessário retomar os fatos políticos, sociais e econômicos ocorridos no Rio Grande do Sul entre as décadas de 1930 e 1950, recuperando

---

<sup>2</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A representação ficcional do Rio Grande do Sul na obra de Cyro Martins**. Disponível em: <http://www.celpcyro.org.br>. Acesso em: 08 de abril de 2009.

também alguns acontecimentos que caracterizaram as primeiras décadas do século XX, pois a partir deles poder-se-á compreender de maneira mais clara a história política do Rio Grande do Sul desde o Governo Provisório até o Estado Novo, representada na referida trilogia.

## 2.1 Rio Grande do Sul: a política nas primeiras décadas do século XX

No período de 1913 a 1928, o governo de Borges de Medeiros estendeu pelo Rio Grande do Sul a ideologia republicana de exclusão dos opositoristas. O governo utilizava diferentes estratégias e instrumentos para impor seu poder, os quais contribuíram para a dominação borgista que estava instaurada no Estado. Carlos Roberto da Rosa Rangel destaca quatro fatores que contribuíram para o predomínio do poder de Borges de Medeiros:

- a prerrogativa de anular eleições municipais e interferir nos municípios;
- o controle sobre os mandatários locais, os coronéis;
- a capacidade dos coronéis de mobilizar votos em suas localidades, usando da violência e da fraude, quando necessário;
- a poderosa e eficiente Brigada Militar poderia ser utilizada com fins políticos.<sup>3</sup>

A supremacia do governo borgista começou a perder forças ao se deparar com os problemas que os pecuaristas enfrentavam. Borges de Medeiros foi incapaz de solucionar ou, pelo menos, minimizar a grande concorrência interna estabelecida com outros Estados do País. Além da concorrência interna, os pecuaristas também enfrentavam problemas com a diminuição de preços dos produtos primários e com a retração do consumo do mercado internacional, situações estas também não solucionadas pelo governo vigente. PESAVENTO apresenta estas problemáticas ao registrar as exigências dos pecuaristas em relação ao posicionamento do governo do estado:

No plano estadual, a impossibilidade de o [sic] governo contornar a crise econômica fez com que a parcela da classe dominante fora do poder considerasse insuportável o domínio republicano no Estado. Assim, passaram a exigir do governo Borges de Medeiros que se empenhasse numa política de defesa exclusiva da pecuária.<sup>4</sup>

A crise se acentuou no Estado com a eleição estadual de 1922, na qual Borges candidatou-se ao seu 5º mandato à presidência do Rio Grande. Apesar da candidatura de Assis Brasil, indicado pela oposição, Borges de Medeiros ganhou a disputa nas urnas, o que

<sup>3</sup> RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. **O governo de Flores da Cunha**. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord.) GERTZ, René (dir.). **República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos, 2007 – v.4. p.18.

<sup>4</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, p.85

ocasionou a revolta dos opositores que alegaram fraude nas eleições, gerando inúmeras ações contra o governo. Os rebeldes exigiam a derrubada do governador eleito e a revisão da constituição estadual, a qual permitia as reeleições consecutivas dos governantes. Devido à crise instaurada no Estado, em dezembro de 1923, pelo Pacto de Pedras Altas, ficou definido que Borges de Medeiros, ao fim do seu 5º mandato, não poderia se reeleger e que a constituição positivista seria revisada.

Com o fim do governo borgista, em 1928, o republicano Getúlio Vargas assumiu o governo do Estado, adotando medidas diretas para solucionar os problemas dos produtores estaduais. Com a criação do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, o novo governo possibilitou a concessão de crédito fácil, a juro baixo e prazo longo, aos pecuaristas. A redução das tarifas ferroviárias, as ações contra o contrabando de charque através do Uruguai e a retomada do projeto de um frigorífico nacional também foram medidas apresentadas pelo governo eleito.

A partir de 1930, Vargas candidatou-se à presidência do País ao disputar o cargo com Júlio Prestes. A vitória deste foi definida pelas eleições, porém o mesmo não chegou a assumir o poder, pois o assassinato de João Pessoa, então presidente do Estado da Paraíba, desencadeou a revolução que fez com que Washington Luís fosse deposto em 3 de outubro de 1930. Um mês depois, a Junta Militar Pacificadora entregou o poder a Getúlio Vargas, o qual assumiu o Governo Provisório do país, dando início à República Nova (1930–1937). Com a posse de Vargas, Flores da Cunha foi nomeado interventor federal no Estado. Em 1934, após a Revolução Constitucionalista, ele passou de interventor a governador do Estado, continuando aliado ao governo central do país. Com isso, o Partido Republicano Liberal (PRL), organizado por Flores da Cunha, *manteve-se como o partido da situação*<sup>5</sup>, conforme PESAVENTO. Porém, devido à redemocratização no País, o governo do Rio Grande do Sul estabelecia estratégias para se aproximar da oposição, o que ocasionara a desaprovação de Getúlio Vargas.

Como o governo central já começava a articular ações visando à ditadura, Vargas encontrou no governo “pacificador” de Flores da Cunha um grande obstáculo. Desta forma, o governo central articulou ações para afastar integrantes do PRL do poder legislativo local, fazendo com que muitos dos seus filiados ficassem contra Flores da Cunha e a favor de Getúlio Vargas, pois estes viram uma forma de ascender econômica e politicamente ao se aliarem com governo central.

---

<sup>5</sup> Ibid, p. 110.

Flores da Cunha, impossibilitado de agir contra as ações adotadas pelo governo central, renunciou ao cargo de governador do Estado do Rio Grande do Sul e fugiu, em 19 de outubro de 1937, para o Uruguai. Em virtude desta situação, foi nomeado interventor Federal no Rio Grande do Sul o General Manoel de Cerqueira Daltro Filho, que, em 20 de outubro, assumiu o cargo. O ano de 1937, além de marcar o fim do governo de Flores da Cunha, também marcou o início do Estado Novo a partir do golpe de 10 de novembro, data esta que também abrange a queda do poder legislativo em âmbito nacional e a finalização do processo de fechamento da sociedade brasileira. Deu-se início ao período da ditadura varguista.

A partir de 1937 o governo do Estado do Rio Grande do Sul esteve diretamente ligado ao governo central, através de interventores. Em janeiro de 1938, Maurício Cardoso assumiu interinamente o governo do Estado, após a morte de Daltro Filho. Posteriormente, Getúlio Vargas nomeou Cordeiro de Farias como o novo interventor. Em 1943, em virtude da Segunda Guerra Mundial, o interventor Faria partiu para a Itália e Vargas nomeou Ernesto Dorneles para a interventoria estadual. Simultaneamente à posse de Dorneles para o governo do Estado, deu-se também o processo de redemocratização do País, o qual caracterizou-se pela fixação das eleições e pela formação de partidos políticos.

Em 1945, com a deposição de Getúlio Vargas pelo Ministro da Guerra, General Góes Monteiro, deu-se a queda do Estado Novo, tanto no âmbito nacional quanto regional. O governo central foi assumido por José Linhares, enquanto que, no Rio Grande do Sul, a interventoria estadual foi assumida pelo desembargador Samuel Silva. Dessa forma, iniciou um novo período político na história do Brasil e também na história do Rio Grande do Sul, o qual possuía um novo padrão governamental voltado para a acumulação de capital baseado na indústria.

## **2.2 Aspectos econômicos e sociais no Rio Grande do Sul (1930 a 1950)**

Na década de 1930, o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul ainda baseava-se na agropecuária. O principal produto de exportação do Estado era o charque. Porém, devido à concorrência interna com os demais Estados, com a instalação de frigoríficos estrangeiros que trabalhavam com o mesmo produto e, principalmente, com o Tratado de Livre Câmbio com os países vizinhos, os produtores de charque voltaram a enfrentar problemas. Para minimizar esta situação, o governo federal retomou a iniciativa de incentivar os criadores gaúchos a trabalharem com o processo de frigorificação de carnes. Além dessa

iniciativa, o governo central introduzia, aos poucos, no Rio Grande do Sul, a idéia da grande rentabilidade da agricultura em comparação à pecuária. Portanto, passou-se a se desenvolver no Estado a cultura do trigo, da cebola, das frutas de sobremesa, além da produção de arroz.

A década de 30 também foi marcada, no plano econômico, pela ampliação de sindicatos no Rio Grande do Sul. O governo apoiava esse desenvolvimento, pois era uma forma de amenizar os problemas econômicos e de mediar as relações entre o Estado e as demais classes sociais. A partir dessa mediação instaurou-se no Estado uma “troca de favores” entre governo e produtores sindicalizados. Os produtores, em troca dos benefícios recebidos, davam apoio político ao governo. Uma das estratégias dos sindicalizados, para contribuir com o governo, estava voltada às classes subalternas, que, conforme PESAVENTO, *a sindicalização objetivava também anular o seu potencial político, mantendo-as submissas e controladas pelo governo*<sup>6</sup>.

Como forma de reagir aos sindicatos, os quais possuíam a proteção do governo a partir da concessão de benefícios como, por exemplo, a isenção de pagamento de impostos, os produtores coloniais criaram as cooperativas, com o objetivo de romper o monopólio de comercialização e de produção estabelecido pelos produtores sindicalizados.

Outros setores que estavam relacionados diretamente com a acumulação de capital no Estado eram a comercialização de carne suína e a produção de banha, atividades que se originaram a partir da instalação de frigoríficos. O crescimento dos frigoríficos não refletiu apenas na produção do Estado, mas também colaborou para o progresso e para o desenvolvimento do sistema ferroviário como, por exemplo, a encomenda de vapores frigoríficos, pois desta forma o transporte das carnes seria mais adequado.

O desenvolvimento dos sistemas de transporte, energia e telecomunicações, a partir da Segunda República, sofreu grandes transformações. A infra-estrutura voltada para o transporte, rodovias e ferrovias, foi fundamental para o desenvolvimento econômico no Estado. A partir da melhoria das estradas e da ampliação do sistema ferroviário, foi possível ampliar e agilizar o processo de comercialização do principal produto de exportação rio-grandense, a carne bovina e o charque, conforme destaca Vanda Ueda:

Com a construção de redes de transportes (ferroviários, rodoviários e marítimos) houve uma mudança na estrutura socioeconômica e territorial do Rio Grande do Sul. Áreas até então despovoadas e longe dos centros produtores e de consumo passaram a integrar-se através de um sistema de transporte.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, p.110

<sup>7</sup> UEDA, Vanda. **O papel das redes técnicas: transportes, energia e telecomunicação**. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord.) GERTZ, René (dir.). **República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos, 2007 – v.4, p. 170

O Estado Novo, a partir de 1937 até 1945, foi um período marcante da história do Rio Grande do Sul, tanto econômica quanto socialmente. Para atender às necessidades apresentadas pelo governo do País, o Estado centrou-se na posição tradicional de fornecedor de gêneros oriundos da pecuária. A produção no Estado se acentuava cada vez mais e, para suprir as necessidades de produção, os pecuaristas colocavam no campo o máximo de animais que o pasto pudesse suportar. Já em relação à agricultura, a perspectiva não era a mesma, o desenvolvimento do setor foi prejudicado pela forte concorrência com os demais Estados.

Levando em consideração as duas fontes de produção do Rio Grande do Sul, a agricultura e a pecuária, pode-se destacar um problema comum no âmbito estadual: a baixa remuneração dos trabalhadores. Nas fazendas, os peões não recebiam salários de forma sistemática, muitos deles ganhavam, em troca do trabalho prestado, abrigo e comida. A situação dos trabalhadores do campo foi agravada com a introdução de novas tecnologias nos métodos de produção, pois, desta forma, a necessidade de mão-de-obra foi diminuindo, acentuando-se, conforme PESAVENTO, *o processo de êxodo rural que já se manifestava desde os anos trinta*.<sup>8</sup>

Os trabalhadores que se dirigiam para as cidades não possuíam qualificação em relação às exigências de um novo mercado de trabalho, pois suas experiências profissionais se restringiam às atividades realizadas no campo, na lida com os animais, na produção agrícola. A situação destes homens do pampa se agravou ainda mais com o processo de desenvolvimento industrial que se instaurava no Estado. Além de não possuir especialização, a quantidade de trabalhadores era excessiva para o número de vagas disponíveis, ou seja, não permitia a absorção de toda esta mão-de-obra nas fábricas. Com isto, muitas pessoas não conseguiam trabalho e nem outras formas de renda, gerando um processo de marginalização dessa parcela da população que se estabeleceu nas periferias das cidades, devido à falta de emprego e de oportunidades.

Esta situação caracteriza o período de transição pelo qual o Estado passou. A partir da década de 1930 ampliou-se no Rio Grande do Sul o processo de transformação social e econômica, pois aos poucos deixava de ser um Estado agrário-exportador e passava a ser um Estado urbano-industrial, processo este que já era observado desde as primeiras décadas do século XIX.

Um dos principais fatores que caracterizaram a urbanização no Estado foi o crescimento da população nas cidades e a diminuição da população na área rural. Além do

---

<sup>8</sup> V. nota 5, p. 116.

crescimento populacional, os processos de modernização da economia, da cultura e da própria sociedade refletiam diretamente na redistribuição da população no âmbito espacial, pois estavam diretamente relacionados à reorganização dos assentamentos, das vilas, dos povoados e das cidades. Um exemplo claro desse processo é a migração interna que ocorria no Estado. A população rural, que não possuía mais espaço no campo devido à expansão agrária e agrícola, principal motivo apresentado pelos pecuaristas para a retomada das terras arrendadas, direcionava-se para as cidades.

Portanto, pode-se afirmar que o processo de transição socioeconômico ocorrido no Estado, principalmente a partir da República Nova instaurada em 1930, não apresentou apenas aspectos positivos, como o desenvolvimento da indústria e o acúmulo de capital, mas também aspectos negativos como, por exemplo, a falta de emprego, a marginalização e a miséria, atingindo diretamente o homem do campo que migrava para as áreas urbanas.

### **2.3 Século XX: a participação feminina na história do Rio Grande do Sul**

Ao recuperar os principais fatos históricos ocorridos nas primeiras décadas do século XX, observa-se que os discursos apresentados pelos historiadores e pesquisadores, no que tange aos aspectos políticos e econômicos, centram-se na figura e na representatividade do homem na construção socioeconômica do Rio Grande do Sul. De acordo com os fatos apresentados no decorrer deste capítulo, a história do Brasil e, também, do Estado do Rio Grande do Sul esteve centralizada nas funções e nos cargos assumidos pelos homens como, por exemplo, Borges de Medeiros, Getúlio Vargas e Flores da Cunha, personagens históricos que marcaram a política e a economia brasileiras. Porém, paralelamente a esta parte da história centralizada na figura do homem, as mulheres também vivenciaram e participaram para a formação da história do Rio Grande do Sul.

Nas primeiras décadas do século XX, as funções femininas ainda estavam centralizadas no contexto da família. O casamento era a principal base para a constituição do núcleo familiar, do qual a mulher era o elemento central. A educação dos filhos, os cuidados com o marido, os afazeres domésticos e, muitas vezes, o auxílio nas lidas do campo, no caso das famílias localizadas nas áreas rurais, eram as principais atribuições destinadas às mulheres, as quais desempenham dentro do contexto familiar dois papéis fundamentais, o de esposa e o de mãe, confirmando, desta forma, o regime patriarcal existente no âmbito familiar.

O comando da família era realizado restritamente pelo pai. Essa visão patriarcal do lar, em que o pai é o chefe de tudo e de todos, permeou grande parte da história da humanidade, inclusive no século XX. Esse processo de constituição familiar, na maioria das vezes, não se restringia simplesmente no objetivo de formar uma família, a qual é determinada pela relação amorosa entre duas pessoas, mas sim nos laços de união que buscavam a aproximação de duas famílias visando ao fortalecimento socioeconômico de ambas, aspectos observados principalmente nas elites dominantes:

A família estruturada pela legislação brasileira não é o simples reflexo do modo de relacionamento do grupo familiar, conforme vivenciado nas diferentes classes sociais. É, antes, a codificação de uma visão de mundo das elites dominantes, preocupadas com a legitimação, em termos legais, dos laços familiares com a definição do poder marital e paterno, com a legitimação da prole e a regulamentação do patrimônio.<sup>9</sup>

A constituição de família, conforme a citação, em sua essência, está centralizada nos elos patrimoniais existente entre as duas famílias envolvidas, além de firmar o poder atribuído ao marido e pai do lar. As mulheres, simplesmente, eram personagens secundárias no contexto familiar, pois a supremacia do homem ocupava todos os espaços de “real” importância dentro da sociedade. As mulheres que não se casavam, muitas vezes, optavam pela vida religiosa, dedicando-se às rotinas exigidas pelos conventos.

Como tinham seus papéis sociais centralizados no âmbito familiar, a educação das mulheres, até o início do século XX, estava diretamente associada às prendas domésticas, ou seja, cozinhar, costurar, bordar etc. Praticamente, apenas as mulheres de classe social mais elevada tinham acesso à alfabetização. No decorrer do século XIX, o governo tentou implantar no Brasil iniciativas visando um sistema educacional, porém tais tentativas resultaram em um grande fracasso, principalmente em relação às iniciativas que estavam voltadas para a educação especializada:

Especialmente no caso da jovem brasileira, as tentativas de criação de escolas especializadas tenderam ao insucesso, principalmente, porque seus pais não viam nenhuma necessidade de a mulher adquirir mais conhecimento além das prendas domésticas. Para muitos pais constituía um verdadeiro luxo suas filhas terem acesso as quatro operações ou ao aprendizado de línguas estrangeiras.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> BARSTED, Leila Linhares. **Permanência ou mudança? O discurso legal sobre a família**. Apud: LEAL, Elisabete da Costa. **O Positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a Moral e a Mulher (1891-1913)**. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 177.

<sup>10</sup> LEITE, Christina Larroude de Paula. **Mulheres: muito além do teto de vidro**. São Paulo: Atlas, 1994, p. 109.



Apesar de o governo brasileiro ter aberto, no ano de 1879, as instituições de ensino superior para as mulheres, apenas uma pequena parte da população feminina pode seguir o caminho da formação superior.

Em relação à inserção da mulher no mercado de trabalho, até a metade do século XX, pode-se afirmar que as atividades profissionais realizadas estavam diretamente associadas ao trabalho braçal, ou seja, as funções exercidas pelas mulheres eram, principalmente, as de empregada, de lavadeira, de cozinheira, ou seja, atividades relacionadas às lidas domésticas. Com o crescimento industrial do país, nas primeiras décadas do século XX, as mulheres passaram a atuar em linhas de produção como, por exemplo, nas empresas que se instalavam no Rio Grande do Sul.

No decorrer do século XX, ocorreram grandes avanços no que diz respeito à posição da mulher dentro da sociedade. Levando em consideração a década de 1930, período no qual o País passou por diversas transições políticas, as mulheres começaram a adquirir direitos semelhantes aos dos homens. Um exemplo muito claro deste processo é o direito ao voto feminino nas eleições políticas. Getúlio Vargas, em 24 de fevereiro de 1932, através do decreto 21.076, dissolveu todas as restrições referentes ao voto feminino, ficando definido que era eleitor o cidadão maior de 21 anos, tanto homens quanto mulheres. Porém, não havia a obrigatoriedade do voto feminino, pois ficou estabelecido que mulheres em qualquer idade podiam se isentar de qualquer obrigação ou serviço de natureza eleitoral.

Aos poucos, a figura feminina passou a emergir das profundezas de uma sociedade centralizada na figura do homem. Às funções até então destinadas às mulheres, rotinas do lar ou da vida religiosa, foram sendo agregadas outras atividades sociais como, por exemplo, o direito ao voto, a possibilidade de trabalhar fora e a aquisição da sua própria renda. A mulher passava a possuir uma participação e voz mais ativa no cenário nacional e estadual.

### 3 A TRILOGIA DO GAÚCHO A PÉ: REALIDADE E FICÇÃO NOS ROMANCES DE CYRO MARTINS

Este capítulo destina-se à investigação de como se dá a construção da obra de Cyro Martins através das relações entre ficção e realidade, levando em consideração os problemas políticos, econômicos e sociais existentes no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. Serão apresentadas algumas referências históricas e suas relações com a trilogia do gaúcho a pé: *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova*. Analisar-se-á, portanto, de forma comparativa, os fatos históricos e os fatos ficcionais apresentados pelo autor. Ressalto que ao realizar o estudo da obra de Cyro Martins, não busco aqui a relação deste com outros autores, nem a dependência de sua obra em relação a outras produções literárias, mas sim estudar internamente os romances, buscando em suas construções elementos que as caracterizem.

Assim, estudar as obras de Cyro Martins, principalmente as que formam a trilogia do gaúcho a pé, é recuperar a história do Rio Grande do Sul, pois estamos diante de três romances sociais, ou seja, narrativas que apresentam, recuperam e denunciam a realidade do homem pampiano desde o início do século XX. Analisemos, portanto, a relação entre os fatos ficcionais e o contexto histórico apresentado nas obras da trilogia.

#### 3.1 *Sem rumo*: A supremacia do Partido Republicano Rio-Grandense

Na obra *Sem rumo*, o primeiro romance que compõe a trilogia do gaúcho a pé, o contexto histórico predominante é a supremacia do Partido Republicano Rio-Grandense. Do conjunto de referências aos fatos reais apresentados por Cyro Martins, destacam-se a menção à República Velha, ao governo de Borges de Medeiros, à República Nova e ao processo eleitoral da época, o qual era marcado pela violência, pela fraude, pelo voto secreto e pela possibilidade do voto feminino.

O primeiro elemento que podemos observar na narrativa, acerca dos fatos históricos, é a referência à República Velha, período marcado pela hegemonia do Partido Republicano Rio-Grandense e pelo governo de Borges de Medeiros, durante o período de 1913 a 1928, presente no diálogo entre as personagens coronel Dutra e Manuel Garcia:

- O que eu ia dizer, e disto você deve estar cientificado, é que teremos eleições este ano. O nosso candidato, como sempre, será o impoluto Dr. Borges de Medeiros,

presidente do Estado e chefe incontestável do Partido Republicano Rio-Grandense. Isto não está oficialmente assentado, mas, é claro, não se pode esperar outra coisa.<sup>11</sup>

Nesse trecho, ao recuperar a figura de Borges de Medeiros e de seu Partido, o autor também retoma o sistema eleitoral da época. Apesar do poder absoluto do Partido Republicano Rio-Grandense, a oposição, mais conhecida como maragatos, preparava-se visando à indicação de um candidato para a disputa do cargo de presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Conforme apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, o governo borgista espalhou pelo Estado uma ideologia republicana que visava à exclusão dos opositoristas. Para evitar a ameaça dos maragatos, os filiados ao Partido Republicano utilizavam diferentes estratégias para impor o poder, entre elas se destacava o controle absoluto que o partido exercia sobre os coronéis e a capacidade que estes possuíam para mobilizar os votos em suas localidades. Cyro Martins retrata os mesmos fenômenos na fala do coronel Dutra, o qual defende o poder absoluto de Borges e de seu partido, além de manipular o povo em relação ao controle dos votos da região:

- Pois então ficamos acertados. Você será nomeado professor rural, deixará esta vidinha miserável, própria de indivíduos incapazes, porque a rabiça do arado não foi feita para mãos de homens da têmpera de Manuel Garcia. E em troca dessa mudança de vida, uma verdadeira loteria, o que lhe exigimos? Veja o nosso desprendimento – nada! Apenas o seu voto e a sua cabala nas redondezas para o Dr. Borges de Medeiros, o maior rio-grandense vivo!<sup>12</sup>

No trecho acima, confirma-se os aspectos abordados por RANGEL, mencionados no capítulo um, no que se refere ao poder borgista: o poder dos coronéis sobre o povo e, conseqüentemente, a capacidade destes em manipular os votos em suas localidades, utilizando quase sempre os recursos da violência e da fraude como meios de alcançar seus objetivos. São exatamente estas características que Cyro Martins representa através da personagem do coronel Dutra, quando este “compra” o voto de Manuel Garcia ao nomear-lhe professor rural, além de solicitar sua atuação para conquistar os demais votos dos moradores das redondezas, para Borges de Medeiros.

Não somente o diálogo entre as personagens de Manuel Garcia e de coronel Dutra marcam a soberania do governo do Estado frente ao povo, duas outras personagens apresentam a troca de favores existente entre estes dois extremos da sociedade, governo e povo. O bolicheiro Lopes, ao tentar convencer Chiru a votar no candidato do Partido Republicano, apresenta a seguinte argumentação:

---

<sup>11</sup> MARTINS, Cyro. **Sem rumo**. Porto Alegre: Gráfica Metrópole, 1988, p. 57.

<sup>12</sup> *Ibid*, p. 58.

- Não faço. Vou provar já-já como não faço mal. Favor por favor, também o governo me faz. Essa gente não me cobra direitos do bolicho, me deixa bancar qualquer jogo, à vontade. Com a condição, é justo, de dar cinquenta por cento da coima para o caixa do partido. Mas, você compreende, é um dever de minha parte, pois me franqueiam tantas vantagens... Escute, homem, você indo com o governo, está arrumado pra o resto da vida. Se amanhã ou depois quiser botar uma bodega qualquer, bancar um joguinho, contrabandear, ninguém vai lhe falar em direito nem em nenhuma outra amolação. E indo contra, está escangalhado.<sup>13</sup>

Na seqüência desse diálogo, Cyro Martins traz à tona a República Nova, o novo momento político vivido pelo País. O novo sistema eleitoral que é instaurado no Estado, revela-se na fala da personagem Lopes, - *Ah, esse título não serve. Agora é tudo novo, liso e direito. Estamos na República Nova, amigo. O Brasil começou outra vez*<sup>14</sup>. Apesar do posicionamento de Lopes em relação à República Nova, esse continua a defender a idéia de supremacia de um único partido político, neste caso o Partido Republicano Rio-Grandense, tentando convencer Chiru a votar no candidato do governo em vigor e fazer com que este conseguisse mais votos junto aos demais boteiros, atividade esta desempenhada por Chiru na cidade, conforme trecho que segue:

- Pra mim, é assunto resolvido. Conto contigo. Mas não é só com o seu voto não. Tu tens que cabalar os outros boteiros. Eu achei que tu eras o homem para isso. Por acaso, estás necessitando dalgum dinheiro? Se dá um jeito... Um adiantamento por causa da campanha. Amanhã mesmo vou levar o teu nome para do Dr. Artur botar na lista dos correligionários.

- Mas olhe, seu Lopes, quero lhe avisá duma cousa, aqueles boteiros, se sabem lê, quando muito rabiscam o nome.

- Ora, rapaz, não te impressiona com isso. Na República Nova essas cousas importantes, que garantem um governo, não mudaram. No frigir dos ovos, tudo continua no mesmo. Tu não vês? Os chefes são os mesmos!<sup>15</sup>

Confirma-se novamente que o romance *Sem rumo* traz em sua essência a representação da corrupção eleitoral que se estendeu pelos processos políticos no Rio Grande do Sul, da República Velha à República Nova. Essa corrupção é representada na obra através das ações das personagens como, por exemplo, na proposta que a personagem Lopes faz à personagem Chiru, ao oferecer-lhe dinheiro em troca de mais votos para o partido, além de sua participação direta como correligionário.

Outro aspecto que Cyro Martins recupera em sua obra, no que se refere à história da política brasileira e, conseqüentemente, rio-grandense, é a instauração do voto secreto. O autor apresenta tal elemento nos discursos dos candidatos da oposição, discursos estes que

<sup>13</sup> Ibid, p. 97.

<sup>14</sup> Ibid, p. 98.

<sup>15</sup> Ibid, p. 99.

defendiam e priorizavam a população menos favorecida, além de enfatizar a importância do voto secreto:

- Dês do primeiro orador até o último, Chiru vibrou, comoveu-se, indignou-se. E quando a manifestação se dissolveu, ele saiu matutando sobre as palavras do último que discursou: “Senhores, concidadãos, conterrâneos! O voto secreto que vamos estrear nas próximas eleições foi uma conquista irreversível do povo. É mentira que alguém possa violar o sigilo do voto!”<sup>16</sup>

Além do voto secreto, outro momento político que marcou incontestavelmente a história do Brasil e, conseqüentemente, a história do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX, mais precisamente a partir de 1930, foi a possibilidade do voto feminino. Cyro Martins introduz este momento histórico nos capítulos finais de *Sem rumo*. Mais uma vez, através da fala da personagem Lopes, o autor apresenta aspectos que marcaram o desenvolvimento do processo eleitoral no país:

- Estou fazendo tudo que posso, doutor. Mas, o sr. sabe, o pessoal é sem-vergonha, sem palavra. Além disto, nesta eles estão vindo de a cabresto. E com esta invenção, agora, de voto feminino, a situação piorou muito, porque o dr. Rogério andou de casa em casa, pedindo voto pra tudo quanto foi mulher que pariu nas mãos dele! Já se viu proceder mais deslavado? E depois quer passar por humanitário! E os coióis inda carregaram ele nos ombros!...<sup>17</sup>

Conforme a citação acima, a personagem Lopes questiona a atitude do candidato dr. Rogério em relação ao pedido de votos para as mulheres, mas as ações praticadas pela própria personagem também podem ser questionadas, uma vez que exemplificam exatamente as fraudes eleitorais existentes na época. Não somente os homens, mas também mulheres eram aliciadas pelos representantes dos partidos políticos a votarem com títulos falsos em troca de favores. A história eleitoral do Rio Grande do Sul, especialmente na primeira metade do século XX, foi marcada pela fraude nas eleições, principalmente no que se refere à utilização de títulos eleitorais falsos ou de pessoas que votavam com títulos de falecidos. Em *Sem rumo*, este aspecto da história também é explorada pelo autor:

O auto parou bem em frente à porta do rancho. O motor ficou ligado. Lopes espichou o pescoço e gritou:

- Anda depressa, homem, que está na hora.

Chiru mal atou as cordas dos sapatos novos. Enfiou o casaco de carregação, novo também. Embarcou no auto. Lopes virou-se para ele, passando-lhe ao mesmo tempo um cartão dobrado e impresso, listrado de verde e amarelo. Chiru olhou para aquilo sem compreender.

---

<sup>16</sup> Ibid, p. 113/114.

<sup>17</sup> Ibid, p. 127.

- É o título. João Fernandes da Silva é o teu nome. Não esqueça. E isto (alcançando outro papel) é a chapa. Tem que meter dentro do envelope que o presidente da mesa te der. E não vai te bobear tentando trocar de chapa, porque a eleição toda está sob controle. [...]

- Para aí.

O chofer freou. Apareceu na porta uma china de vestido azul.

- Sobe duma vez, china lasqueada.

O chover ia tocar pra frente em seguida, quando Lopes lhe gritou que esperasse um instante.

- Toma o título. Maria Andrade Soares, não esquece, que este é o teu nome.

- Mas seu Lopes, todos me conhecem por Zuliquita!...<sup>18</sup>

Tanto Chiru quanto Zuliquita são manipulados por Lopes a votar no candidato do governo, utilizando títulos eleitorais fraudados. Durante o processo eleitoral, Chiru passou a se chamar João Fernandes da Silva e Zuliquita votou com o nome de Maria Andrade Soares, fraude esta que ocorria livremente durante as eleições.

Diante da análise apresentada, até o momento, confirma-se o diálogo entre história e ficção na construção do romance *Sem rumo*.

### **3.2 *Porteira fechada*: os detentores do poder político perdem força**

Em *Porteira fechada*, dentre os fatos reais inseridos na obra, Cyro Martins apresenta o declínio do poder do Partido Republicano Rio-Grandense, a supremacia dos chefes políticos que perdeu força gradativamente no Estado, tanto no domínio político quanto no âmbito social. Juntamente com a representação das transformações ocorridas no cenário político estadual, o autor recupera mais uma vez o processo eleitoral fraudulento que ainda permanecia no Estado, além de apresentar novamente em sua obra fatos e personagens que caracterizam a história do Rio Grande do Sul.

A queda do poder e a decadência de uma política centralizadora, injusta e cruel são representadas na obra, principalmente, através do bolicheiro Fagundes. A personagem retrata, dentro da obra, o período de transição pelo qual o Partido Republicano passou, da ação predominante ao declínio no cenário político estadual. Essa transição pode ser associada a própria vida da personagem Fagundes dentro da obra, o qual passou do cargo de subintendente, fiel ao Partido Republicano, à atividade de bolicheiro de uma área miserável do município de Boa Ventura. Durante o período que desempenhava a função de subintendente, Fagundes era respeitado e temido pelas demais pessoas:

---

<sup>18</sup> Ibid, p. 120/121.

Leandro resvalou um olhar demorado, cheio de significação, pelas costas volumosas do capitão. Conhecia-lhe a fama, e só de lembrar certos fatos da sua vida, arrepiava-se. Mas isso não impedia que o tratasse com delicadeza. Demais, eram correligionários... E Fagundes não perdia oportunidade para se vangloriar de ser homem de confiança do Coronel Ramiro, chefe incontestável do município.<sup>19</sup>

Na citação acima, observa-se mais uma vez as ações que caracterizavam o modo de gestão dos republicanos, marcado pelo abuso de autoridade, pela violência e pelo predomínio do poder dos coronéis. Verifica-se novamente que Cyro Martins apresenta em sua obra os fatos que marcaram a história política do Rio Grande do Sul e, através delas, dá vida às suas personagens. Os coronéis, até então chefes incontestáveis dos municípios, deixam de exercer o poder absoluto, os detentores do poder político perdem força no cenário estadual, fenômeno este que é apresentado em *Porteira fechada* através da personagem do coronel Ramiro:

Até pouquinho antes do Coronel Ramiro apear do poder, Fagundes ainda alimentava esperanças de um auxílio mais eficiente, em dinheiro, em crédito ou mesmo um lugar de Guarda-Aduaneira. Mas depois que o chefe caiu...  
 - Agora, meu negro, só no dia de São Nunca! Atucanava-lhe a mulher seguidamente, com sarcasmo. E a miúde acrescentava:  
 - Se tu inda votá nessa gente, tu é um sem-vergonha.<sup>20</sup>

Com a queda do coronel Ramiro, seus aliados perderam benefícios e ajuda. A partir do posicionamento de Fausta, esposa de Fagundes, verifica-se como o declínio do poder político é acentuado, uma vez que não há mais esperança de auxílio por parte dos seus líderes, já que sua ação no âmbito político não é mais efetivamente ativa. A esperança de Fagundes por uma ajuda mais eficiente, pelo reconhecimento do seu trabalho frente às ordens do Partido, mostra e recupera mais uma vez características da administração política no Estado, a qual era movimentada pela troca de favores entre chefes políticos e aliados, processo este que, com a queda do poder político, perdeu força.

Fagundes alimentava a possibilidade de auxílio por parte do coronel Ramiro, pois ainda possuíam dívidas entre si. Tais dívidas caracterizam uma forma de governo centralizada na violência, já que Fagundes executava as ordens de Ramiro visando aos benefícios que teria no futuro. Ele agia sem pensar nas consequências de seus atos, em virtude de sua boa atuação como subintendente:

Via tudo escuro em roda de si, exceto numa direção: o Coronel Ramiro. Este homem, afinal de contas, ainda não saldara as dívidas que tinha com ele. Ligava-os um passado tumultuoso, vivo na memória de todos, principalmente na deles, por

<sup>19</sup> MARTINS, Cyro. **Porteira fechada**. Porto Alegre: Movimento, 2001. p. 38.

<sup>20</sup> *Ibid*, p. 68.

mais que fingissem tê-lo olvidado. Experimentava asco de si mesmo ao se lembrar de certos fatos. Como fora capaz? Naturalmente, fora vítima, deixando-se iludir, não atinando nas conseqüências más, pensando só nas vantagens. E que vantagens teria? O coronel sim, vira-se livre de mais um adversário perigoso. Mas ele... Bem feito, um índio cru se metendo com os graúdos! E se não fossem estes, que lhe metiam o toucinho e lhe forravam as costas, por conveniência própria, claro, talvez ele não houvesse cometido nenhum daqueles crimes... E não duvidava que ainda lhe tocasse a pagar com uma bala nos miolos as barbaridades cometidas havia tantos anos e até agora impunes.<sup>21</sup>

Além de representar em *Porteira fechada* o declínio do poder do Partido Republicado, Cyro Martins novamente retoma o sistema eleitoral da época, centralizado nas trocas de favores entre chefes políticos e aliados e, também, nas fraudes nos processos de votação como, por exemplo, a efetivação de votos através de títulos de eleitores já falecidos:

Quevedo submetia-se a tudo, discretamente. Aprendeu a custo a garatujar o nome, para fins eleitorais. Mas nunca chegou a votar com título próprio, sempre se desobrigou dos deveres partidários usando títulos de eleitores defuntos. Em duas eleições os fiscais da oposição protestaram contra o seu voto, porém, diante da sua calma imperturbável, os oposicionistas acabaram aceitando o seu título como legítimo. Foram duas pequenas vitórias que ele obteve para o partido. Em paga de tamanha lealdade, Ramiro reafirmou-lhe a promessa de que ele seria o substituto do velho André.<sup>22</sup>

É recuperada também a figura histórica de Borges de Medeiros, o qual primava pelas boas relações internas no Partido. Líder incontestável do Estado durante anos, Borges possuía inúmeros aliados, os quais tentavam agradá-lo mostrando que suas ações políticas estavam diretamente ligadas aos interesses do Partido Republicano Rio-Grandense. O coronel Ramiro é a representação destes aliados no romance. Seus posicionamentos, suas decisões e suas ações eram tomadas estrategicamente, sempre visando ao contentamento dos demais correligionários. Esta recuperação da figura de Borges de Medeiros e da preocupação de seus aliados em não desagradá-lo podem ser verificadas no seguinte parágrafo:

O coronel, enquanto mateava resolvia. E resolvia com cautela, porque queria resolver bem. Não desejava, de maneira nenhuma, trazer dissidências para o seio do Partido. Não ignorava o quanto isso desagradava o Dr. Borges. Deveria agir com política, sem deixar transparecer a cilada.<sup>23</sup>

A análise dos fragmentos extraídos do romance *Porteira fechada* confirma novamente, como já verificado em *Sem rumo*, que aspectos da história rio-grandense estão inseridos na

---

<sup>21</sup> Ibid, p. 71/72.

<sup>22</sup> Ibid, p. 123.

<sup>23</sup> Ibid, p. 125.



obra ficcional. Porém, diferentemente de *Sem rumo, Porteira fechada* mostra aos leitores o início da quebra da supremacia do Partido Republicano Rio-Grandense, sem deixar de recuperar personagens e processos políticos que sempre estiveram presentes nas ações políticas no Estado.

### **3.3 Estrada nova: uma nova perspectiva política**

A obra que faz o fechamento da trilogia do gaúcho a pé, *Estrada nova*, traz em sua essência as novas possibilidades políticas inseridas no Rio Grande do Sul. Novas visões governamentais são adotadas, o povo torna-se mais ativamente engajado na política, o que ocasiona a crítica ao antigo sistema governamental.

Ao iniciar a análise da obra, em relação aos elementos históricos presentes em sua construção, pode-se verificar que o autor faz referências a acontecimentos que marcaram política e socialmente a história do Estado. Tais acontecimentos são introduzidos no romance através das recordações e lembranças das personagens, as quais recuperam fatos que refletiram diretamente em suas vidas. Continuando a análise, neste subcapítulo destacam-se as referências históricas ao Estado Novo, à Revolução de 30, ao governo borgista e, mais uma vez, ao sistema eleitoral.

A menção ao Estado Novo ocorre através da personagem Flávio, ex-arrendatário que perdeu suas terras, vendidas a um castelhano com grande poder aquisitivo:

- Arrendei aquela estância durante quatorze anos. Todo o mundo de fora pensava que era minha a propriedade. Eu mesmo achava que não ia sair mais dali, pois tencionava seriamente comprar o Espinilho. Mas um belo dia, isso não foi muito antes da guerra, lá por fins de 37, no ano do Estado Novo, apareceu um castelhano endinheirado e o dono não teve dúvida em negociar com ele. Quando dei pela história, espernei, fiz também a minha proposta. Mas a do outro cobria longe a minha.<sup>24</sup>

Além do Estado Novo, a Revolução de 30 também é mencionada. Essa referência aparece quando o coronel Teodoro busca compreender o significado da palavra “demagogia”. Para isso utiliza-se de seu dicionário disponível em uma estante:

De posse do grosso volume, pegou os óculos e voltou para a sua cadeira, pondo-se a folhear sem pressa o livro sábio, para o qual não havia segredo; porém, desta vez, um tanto desesperançado de encontrar o termo que o embaraçara, porque a edição era bastante antiga, de 1928, e ele supunha tratar-se de uma palavra muito moderna,

<sup>24</sup> MARTINS, Cyro. **Estrada nova**. Porto Alegre: Gráfica Metrópole, 1988. p. 26.

introduzida no vocabulário político e jornalístico depois da revolução de 30, provavelmente.<sup>25</sup>

No entanto, a recuperação da história, brasileira-rio-grandense, não está centralizada apenas nas referências a momentos históricos específicos, mas também na reflexão das próprias personagens frente às modificações que ocorreram nos processos políticos e sociais no Estado. O Coronel Teodoro, ao comparar o período borgista com o atual sistema em que está inserido, apresenta as características de ambos os momentos históricos em relação aos processos eleitorais:

Agora se fazia política a propósito de tudo. Coisas que antes nem se falava, coisas que nem se sabia que existiam ou, se existiam, não tinham a menor importância na eleição dum deputado, dum prefeito ou mesmo dum presidente do Estado, estavam agora na ordem do dia. Não se lia mais um discurso político que não falasse em energia elétrica, nos ferroviários, nos mineiros e, sobretudo na classe operária. Francamente, não entendia mais nada. No tempo do dr. Borges de Medeiros, no Estado, e do coronel Januário no Município, as eleições se faziam por assim dizer no grito nomais. Ninguém vinha amolar a paciências dos outros com “problemas nacionais”. E deixassem de história os bobos de agora, era um tempo lindo aquele. Ainda tinha saudade do pleito em que o coronel Januário foi eleito intendente do município. Oh, eleição peitada, aquela! Que correria de próprios, de chasques, levando cartas, bilhetes, recados, prata, promessas, ameaças...<sup>26</sup>

Coronel Teodoro, frente a um novo sistema eleitoral, compara o antigo período político de Borges de Medeiros, marcado pela supremacia do Partido Republicano Rio-Grandense, com o novo sistema instaurado no País após a revolução de trinta, no qual os candidatos não centravam suas candidaturas em compras de votos, trocas de favores ou violência, mas sim nas propostas políticas que atingiam de forma direta as classes menos favorecidas, a classe operária.

Apesar de já apresentar esta nova perspectiva política no âmbito estadual, Cyro Martins ainda recupera fatos históricos que marcaram o predomínio do Partido Republicano, os quais foram o ponto de partida para os oposicionistas reivindicarem a análise dos processos eleitorais no Estado, já que as fraudes eram realizadas livremente:

Depois que o cunhado, desgostoso, deixou a intendência e se mudou de novo para a campanha, passou tempos retirado de qualquer atividade política, mesmo porque naqueles anos em que a oposição estava desmantelada, se havia eleição, era mais por constar, que outra coisa. Em pleitos, que era bonito e entusiasmava, nem se fala. O borgismo mandava e desmandava no Estado, discricionariamente, montado numa lei eleitoral que facilitava a votação em massa de todos os defuntos do Rio Grande, desde que fosse do interesse do governo, o que acontecia sempre. Os defuntos eram

---

<sup>25</sup> Ibid, p. 43.

<sup>26</sup> Ibid, p. 44.

governistas. Talvez viesse daí a frase que vezes sem conta lera e ouvira no tempo do borgismo: “Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos”!<sup>27</sup>

Devido a um sistema eleitoral fragilizado e precário, os filiados ao Partido Republicano Rio-Grandense não encontraram, até o ano de 1922, barreiras que impedissem as fraudes nos processos de votação. Por esse motivo os vivos eram sempre governados pelos mortos, pois ocorria em massa a efetivação de votos em nome de defuntos, os quais sempre elegiam o partido que já se encontrava no poder, o Republicano. As eleições de 1922 foram o marco para a quebra da supremacia do Partido. A reeleição de Borges de Medeiros para o seu 5º mandato enfureceu a oposição, a qual alegava fraudes na eleição do candidato republicano. Este período de turbulência também é apresentado em *Estrada nova: Em 22, por ocasião do pleito Assis-Borges, o Rio Grande se alvorotava de novo*.<sup>28</sup>

Durante toda a construção de *Estrada nova*, Cyro Martins apresenta aos leitores, através do contexto em que estão inseridas suas personagens, os momentos políticos que marcaram a história do Rio Grande, desde o período borgista até a nova perspectiva política que começava a se instalar no Estado. A política até então centralizada na violência, nas trocas de favores entre partidos e aliados, nas fraudes, começava a ser substituída por uma política que visava ações direcionadas à população menos favorecidas, sem violência nem corrupção, mas sim espraiando a importância de um sistema político-eleitoral eficiente e engajado nas reais necessidades do povo.

A partir das considerações apresentadas no decorrer deste capítulo, confirma-se, portanto, que Cyro Martins, através dos romances *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova*, representa fatos e personagens que caracterizam a história rio-grandense. Esse diálogo entre ficção e história se dá através da criação de personagens que representam episódios históricos reais, ou seja, o contexto histórico brasileiro e rio-grandense é utilizado para justificar e caracterizar as ações realizadas pelas personagens, ações estas que visam recuperar e denunciar a real história do homem do campo frente às transformações políticas, sociais e econômicas. Pode-se exemplificar esta constatação a partir da menção de personagens históricos que são recuperados na construção interna dos romances como, por exemplo, Getúlio Vargas e Borges de Medeiros e, também, por meio da apresentação de acontecimentos e de fatos políticos, sociais e econômicos que marcaram a história brasileira e rio-grandense: o sistema eleitoral fraudulento, a instauração do voto secreto e a possibilidade do voto feminino.

---

<sup>27</sup> Ibid, p. 62/63.

<sup>28</sup> Ibid, p. 63.

#### **4 OS GAÚCHOS E AS PRENDAS: A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS MASCULINAS E FEMININAS NA OBRA DE CYRO MARTINS**

A trilogia do gaúcho a pé compõe-se de um conjunto de personagens masculinas e femininas que interagem entre si de forma significativa. Entre elas, pode-se destacar Chiru e Alzira, em *Sem rumo*, João Guedes e Maria José, em *Porteira fechada*, e Janguta e Francisca, em *Estrada nova*, que serão classificados nesta etapa como os gaúchos a pé e as prendas a pé, respectivamente.

A análise destas personagens será realizada a partir de uma das principais ações registradas por Cyro Martins em seus romances, a saída do campo e a chegada à cidade. A transição da área rural para a área urbana efetiva-se apenas nas obras *Sem rumo* e *Porteira fechada*, pois em *Estrada nova*, Janguta e Francisca não chegam à cidade. Verificar-se-á como Chiru, Alzira, João Guedes e Maria José reagem frente ao novo contexto social e, em *Estrada nova*, analisar-se-á como Janguta e Francisca reagem frente à possibilidade da saída do campo.

Neste capítulo, como no segundo, será realizada uma análise comparativa em relação à representação das personagens no contexto social em que estão inseridas, buscando alguns dos “contrastes” que justifiquem a caracterização das obras de Cyro Martins como romances sociais.

Ao realizar a análise comparativa das personagens aqui classificadas como gaúchos a pé e prendas a pé, pretendo destacar a representatividade das personagens femininas dentro das obras que constituem a trilogia. Como Alzira, Maria José e Francisca agem diante dos problemas em que elas e seus maridos estão envolvidos. Problemas estes oriundos de um novo sistema social estabelecido no Estado.

Até aqui foram apresentados alguns dos aspectos socioeconômicos que afetaram incondicionalmente homens e mulheres rio-grandenses, principalmente aqueles que se localizavam na zona rural. Dentre os fatores que atingiram diretamente os moradores do campo, destaca-se a expansão agrária como um dos principais processos que desencadeou a migração da população rural para as áreas urbanas. Fenômeno este que, aliado à falta de emprego, de instrução e ao crescimento industrial no Estado, acentuou o processo de marginalização de uma parcela da população sulina que não tinha outras perspectivas de vida.

Portanto, neste terceiro capítulo, demonstrar-se-á como esse fenômeno, consequência da política vigente na época, é explorado por Cyro Martins nas obras da trilogia, ou seja, como os gaúchos e as prendas a pé reagiram com a migração do campo para a cidade nas

obras *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova*, começando pela representação dos gaúchos a pé.

#### **4.1 Chiru, João Guedes e Janguta: a representação do gaúcho a pé**

Os romances que constituem a trilogia do gaúcho a pé apresentam, em sua construção, os processos de transformação ocorridos nas vidas de Chiru, João Guedes e Janguta a partir dos fatos socioeconômicos que caracterizaram a história do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XX. A retomada das terras arrendadas para ampliação dos campos, visando ao engorde do gado, por parte dos grandes estancieiros, é um dos principais fatores que interferiram diretamente na vida das personagens. A impossibilidade de trabalho no ambiente rural, a falta de moradia e de condições de vida na Campanha, fizeram com que Chiru e João Guedes migrassem para a cidade com suas famílias. A busca de realizar o sonho de um destino melhor esbarrava na realidade cruel das periferias, locais caracterizados pela fome, pela falta de trabalho e pela miséria, automaticamente experimentadas pelas personagens de forma irremediável.

Nas obras *Sem rumo* e *Porteira fechada*, Cyro Martins apresenta aos leitores como os gaúchos a pé, Chiru e João Guedes, enfrentaram os problemas encontrados na nova vida urbana e, em *Estrada nova*, como Janguta reagiu frente à possibilidade da saída de sua terra.

Chiru e João Guedes são as personagens que caracterizam a efetivação da migração da zona rural para a zona urbana. Porém, os fatores que motivaram essa transição se diferenciam entre as duas obras. Chiru, peão sem família e sem raízes, caracteriza os gaúchos que trabalhavam em estâncias em troca de abrigo e comida. Vivendo no Silêncio desde sua infância, Chiru se vê na necessidade de buscar alternativas de vida, já que havia fugido da estância em virtude dos maus tratos. A falta de trabalho na zona rural fez com que a personagem caminhasse rumo à zona urbana, visando a outras oportunidades de trabalho.

Já em *Porteira fechada*, João Guedes representa os arrendatários de terras que perderam espaço no campo devido à expansão agrária. Com a retomada do campo por parte do dono da estância, a personagem não vê alternativa a não ser rumar para a cidade de Boa Ventura, pois não há perspectivas na vida rural. Apesar de não ser a opção que mais o agradava, João Guedes, Maria José e seus filhos, Lelo, Titã, Isabel, Picucha e Aurora, migram para a zona urbana almejando novas e melhores condições de vida.

A chegada à cidade, ainda na garupa do cavalo, marca o início de uma nova etapa nas vidas de Chiru e Alzira. O “índio” se mostra orgulhoso pela companhia da “chininha” e demonstra-se contente frente à chegada ao novo destino:

Chiru tinha as pernas moídas da jornada. Fazia tempo que não dava uma puxada grandota, assim, daquelas.

- E tu?

- Folheirita, nomais.

A essa resposta, incitante e guapa, o índio reagiu com um bruto orgulho pela chininha. E encostou o montado ao dela, passou-lhe o braço pela cintura, erguendo-lhe o corpo delgado e rijo.

- Agora, bamo chegando. Bamo chegá no mesmo pingo, china?<sup>29</sup>

Diferentemente de Chiru, João Guedes ruma para a cidade de Boa Ventura desiludido, pois não conseguiu achar morada na campanha. A única alternativa foi seguir para a cidade em busca de uma nova casa, a qual somente pode ser alugada com o auxílio de Oscar, marido da prima de Maria José, Querubina:

Quando João Guedes, há três anos atrás, já desiludido de achar morada na campanha, veio à cidade em busca de uma casa para se meter com a família, foi o Oscar, o marido de Querubina, que deu jeito no negócio, assumindo espontaneamente a responsabilidade de fiador.<sup>30</sup>

Nos trechos apresentados, verifica-se que as personagens Chiru e João Guedes reagem de forma diferente em relação ao novo destino, a cidade. Chiru, mesmo singelamente, demonstra-se feliz diante de uma nova vida na área urbana. Por sua vez, João Guedes não apresenta o mesmo sentimento, ao contrário, a personagem é marcada pela desilusão de deixar os pagos e rumar para a cidade. Apesar de apresentarem diferenças no que se refere aos sentimentos frente a uma nova vida, Chiru e Guedes têm uma característica em comum: as suas vidas sofreram grandes mudanças após a chegada na zona urbana.

Chiru, ao chegar à cidade, conseguiu uma nova profissão, a de boteiro. Era com a renda deste trabalho que sustentava Alzira, sua mulher, e o filho que estava para nascer, Joãozinho. A vida da família seguia normalmente, até que, devido às eleições políticas, o destino de Chiru começou a tomar outros rumos. Manipulado por Lopes a votar no partido do governo, Chiru sente-se indeciso e pressionando no caminho a escolher, pois dr. Rogério, candidato da oposição, era sua real opção. Em uma noite de discursos políticos, Chiru carregou o candidato do povo, “o pai dos pobres”, em seus ombros. Essa atitude desencadeou

<sup>29</sup> MARTINS, Cyro. **Sem rumo**. Porto Alegre: Gráfica Metrópole S.A, 1988, p. 90.

<sup>30</sup> MARTINS, Cyro. **Porteira fechada**. Porto Alegre: Movimento, 2001, p. 51.

a perda de seu instrumento de trabalho, pois Lopes resolveu vingar-se dando sumiço no bote, serviço executado pelo capanga Afonso:

- Ué! e esta?... Pessoal safado, empulhando a gente! Tchê, Sapo, onde vocês esconderam o meu bote? (...) Não andou longe, entretanto, e tudo se esclareceu para ele, num relâmpago: o vulto de Afonso atrás dele! Era essa a chave de tudo. (...) O negro levando o prato quentinho para o Lopes. E a cara deste, raspada e gorda, rindo para o negro e dizendo: “Vamo arrumá este diabo. Também já tomei providências pra outros, que tive notícia... olha, vai lá no passo, ele tem um bote amarrado no salso de cima... o mais tu sabe...”<sup>31</sup>

Chiru, devido ao sumiço do bote, pretende dar parte à polícia. Porém, ao perceber que havia sido uma atitude de Lopes, desiste da denúncia:

- Ora, ora, dá parte pra quê? To maluco mesmo... Então não sei que essa gente do governo é uma canalha só? São capaz de matá um cristão por um voto, quanto mais prejudicá nos negócio, só pra agradá o chefão... se dou parte, eu é que vou para a cadeia.<sup>32</sup>

Foi justamente um voto que mudou de vez o destino da família de Chiru. Devido a sua indecisão e à pressão imposta pelos aliados ao partido do governo, a personagem, no momento da votação, atrapalha-se e vota sem saber em quem realmente estava votando. Essa situação desencadeia a dúvida, por parte de Lopes, sobre o voto de Chiru. Como este não apresenta argumentações convincentes para se defender, é obrigado a sair da cidade e buscar outra alternativa de vida, as obras nas estradas de ferro:

Tu me bobeaste. Não lhe bobiei, seu Lopes. Não é do meu feitio. Prometeste votar comigo, assumi compromisso por ti e, no dia, foi aquilo! (...) Pois bem, para encurtar o assunto, vai te arranjar por aí com as tuas próprias unhas. Agora eu não estou sozinho, seu Lopes, tenho a Alzira e o Joãozinho! Acho até que tu deves te mandar mudar para outras bandas, senão te pelam a coruja! (...) Que ia campear serviço, ia mesmo. Coragem não lhe faltava. Encontrar, é que era o buslís. Diziam que nas obras da estrada de ferro pagavam bem. Arriscaria.<sup>33</sup>

Porém, não foi possível permanecer no novo emprego, pois o seu chefe foi informado pelo pessoal da cidade que ele havia votado contra o governo, e que, portanto, era um elemento perigoso. Devido à situação, Chiru foi dispensado, partindo sem perspectivas e sem rumo.

João Guedes não teve nem a possibilidade de partir da cidade para outro lugar. Ao contrário, sua vida expirou em Boa Ventura. Sem oportunidade de trabalho, Guedes não tinha como sustentar a família. Para não morrerem de fome, passa a roubar ovelhas da estância do senhor Júlio Bica, justamente o estancieiro que retomou as terras de Guedes:

<sup>31</sup> MARTINS, Cyro. **Sem rumo**. Porto Alegre: Gráfica Metrópole S.A, 1988, p. 115/117.

<sup>32</sup> Ibid, p. 117.

<sup>33</sup> Ibid, p. 129.

A vista dos capões gordos dava-lhe cobiços. A tentação se repetia. A respiração entrecortou-lhe. O coração bateu desencontrado, como um cavalo que desmancha o galope. Uma vergonha o que estava pensando! No entanto, sentia-se de novo arrastado pela tendência má ao longo do declive escorregadio. Repugnava-lhe o roubo. Mas, se chegasse em casa sem um pedaço de carne, sabia de ante mão o que havia de suceder. Ultimamente, a própria Maria José o instigava ao furto, acossada da pobreza.<sup>34</sup>

O ato do roubo fez com que a vida de João Guedes tomasse outro caminho. Para ele, gaúcho de valores e de tradições, o roubo já caracterizava sua degradação, mas a prisão devido a essa ação foi o ápice de sua miséria:

De repente, palpitou-lhe algo inesperado. Relanceou as vistas assustadas e teve a representação de dois vultos subindo a encosta. E agora? Fugir seria arriscar-se a receber uma balada por trás. Dar peléia, uma estupidez. Entregar-se, afigurou-lhe o mais razoável.

Podia ser, entretanto, que não fosse a polícia, que fosse pessoal da estância ou, quem sabe, gente atalhando por dentro das invernadas alheias! Pois então, ele também ia atalhando, coisa comuníssima na campanha... Mas logo os vultos se agrandaram e cerraram perna.

- Alto lá! Alto lá!

Sim, era a polícia, era o maneador atando as pernas por baixo da barriga do cavalo, era a cadeia, o cascalho, a degradação, o fim!<sup>35</sup>

No entanto, o fim de Guedes não ocorre na prisão, mas sim no retorno à cidade, novamente livre. Sua morte se dá após dois meses da saída da prisão, de forma misteriosa e violenta:

João Guedes, um dos assíduos freqüentadores do boliche do capitão, mudara-se da campanha havia três anos. Três anos de pobreza na cidade bastaram para o degradar. Ao morrer, não tinha vintém nos bolsos e fazia dois meses que saíra da cadeia, onde estivera preso por roubo de ovelha.<sup>36</sup>

Conforme as citações apresentadas, confirmam-se as modificações vividas pelas personagens Chiru e João Guedes no novo espaço, ou seja, na cidade. Essas mudanças caracterizam os reflexos do novo sistema socioeconômico que se instaurava no Estado na primeira metade do século XX. Chiru e Guedes assemelham-se nos destinos que suas vidas tomaram e, também, por refletirem e questionarem a sociedade em que estavam inseridos apenas de forma subjetiva, ou seja, eles não reagem de maneira efetiva para mudar seus destinos.

Em *Estrada nova*, Janguta tem a mesma reação frente à possibilidade da saída do campo, ou seja, a personagem não apresenta argumentos contra o pedido de desapropriação das terras, solicitado pelo coronel Teodoro, o qual utilizaria o campo para o engorde do gado.

<sup>34</sup> MARTINS, Cyro. **Porteira fechada**. Porto Alegre: Movimento, 2001, p. 82/83.

<sup>35</sup> Ibid, p. 83/84.

<sup>36</sup> Ibid, p. 20.



Apenas seu filho, Ricardo, manifesta-se perante as palavras e as ordens apresentadas por Lobo, a mando do Coronel:

Ao saber da visita e das palavras insolentes e despropositadas do Lobo a sua mãe, Ricardo manifestou logo o intuito de procurar o coronel, a fim de tentar um arreglo para o caso. Janguta e Francisca alarmaram-se com o plano, pois recebavam muito de tal encontro, tão bem conheciam os arroubos do coronel e os impulsos do filho.<sup>37</sup>

Janguta, ao ser preso por Lobo juntamente com sua mulher e com sua filha, também não reage frente às argumentações do subprefeito:

O subprefeito deixou um soldado perto do auto e levou o outro de guarda-costas na busca que ia empreender. (...) Na volta, ameaçou Janguta:

- Olhe, se você estiver mentindo, se o seu filho estiver escondido aqui perto ou nalguma grota, mas longinho, vocês todos vão pagar caro, hein! Ouviram? Depois não venham me dizer que eu não avisei.

Daí a uma hora, Lobo entregava, agora já com um certo garbo, ou Doutor Delegado, três presos que, desse momento em diante, passaram a ser três prisioneiros políticos, três traidores da pátria, três agentes de Moscou: Janguta, Francisca e a filha abobada.<sup>38</sup>

De acordo com os trechos extraídos das três obras, dois fatores principais interferiram diretamente na vida das personagens: em *Sem rumo*, a vida de Chiru e de sua família é diretamente afetada pelo sistema político-eleitoral da época, fraudulento e violento; já em *Porteira fecha* e *Estrada nova*, a retomada das terras arrendadas por Guedes e Janguta é o que desencadeia as transformações em seus destinos. Estes dois fatores atingiram incondicionalmente a vida das três personagens, os quais questionam e argumentam sobre seus novos destinos subjetivamente, deixando suas vidas seguirem os caminhos apresentados por uma nova sociedade, a qual é caracterizada por deixar seus cidadãos sem rumo, por apresentar muitas porteirosas fechadas pelo percurso que tentam seguir e por limitar as possíveis estradas novas de outras perspectivas de vida.

#### **4.2 Alzira, Maria José e Francisca: a representação da prenda a pé**

Além da representação dos gaúchos a pé, Cyro Martins apresenta aos leitores a figura feminina, a qual também esteve presente durante os processos de transformação que ocorreram no Rio Grande do Sul, no que se refere aos aspectos políticos, sociais e econômicos. Para mostrar como tal representação se dá nas obras que constituem a trilogia, analisar-se-á três personagens femininas: Alzira, Maria José e Francisca, respectivamente

<sup>37</sup> MARTINS, Cyro. **Estrada nova**. Porto Alegre: Gráfica Metrópole S.A, 1988.

<sup>38</sup> *Ibid*, p. 168.

esposas de Chiru, João Guedes e Janguta, os quais marcam dentro da construção narrativa os gaúchos a pé.

A análise das personagens femininas também será realizada a partir de dois focos específicos: a chegada à cidade, nos casos de Alzira e Maria José, e a possibilidade da saída do campo, marcada por Francisca. Verificar-se-á como cada uma delas reagiu frente aos problemas que passaram a fazer parte de suas vidas, as alegrias, as tristezas e as dores. Será analisado também o papel que elas desenvolviam na sociedade e como essa sociedade, marcada pelas transformações econômicas e políticas, interferiram diretamente nos caminhos almejados por elas.

Em *Sem rumo*, a chegada à cidade é marcada, primeiramente, pelo medo de Alzira, receio do desconhecido, de quem nunca estivera em um município. Aos poucos, a sensação de medo vai dando lugar a decepção, pois o povo, a cidade, não era bem o que imaginava:

Alzira, que nunca vira a cidade, decepçiona-se. De longe, tinha medo. Agora... Apenas mais casas, porém fechadas, soturnas, alcatruzadas algumas, perdendo o reboco outras, parecendo abandonadas. Bá, aquilo era o povo? O povo não era, então, água de cheiro, sabonete, fita encarnada no cabelo e sapato nos pés? E muito vizinho, tudo amontoado?<sup>39</sup>

A decepção de Alzira, perante o primeiro contato com a cidade, demonstra a visão de uma moça da zona rural, a qual imaginava que a vida no “povo” seria um universo maravilhoso, regado à água de cheiro e enfeitado com fita encarnada. Já no primeiro contato com as reais condições da cidade, a personagem sentiu-se ameaçada pelas incertezas dos novos caminhos que passava a trilhar:

O canto rouco entrou na alma de Alzira e ficou enroscado dentro dela. Sentia uma ameaça entrando nela devagarinho, como amanunciando. Não propriamente daqueles três, nem chegou a pensar que pudessem inticar com eles. Era uma incerteza no alvorecer, um sentir-se de repente prá lá da porteira...<sup>40</sup>

Enquanto Chiru trabalha como boteiro, Alzira cuida da casa e espera o nascimento do filho do casal. Suas vidas seguem normalmente. O emprego do marido coloca a comida na mesa, além de proporcionar a ele a possibilidade de se distrair na cancha de tava:

Quando o índio chegou ao rancho, à meia-noite, quase borracho, Alzira, de cócoras, assoprava os carvões do fogareiro para refogar o guisado. Ao vê-lo, levantou-se com dificuldade, que a barriga pesa. Chiru botou vinte e dois mil e quinhentos reis em cima da mesinha guenza de tábuas de caixão (...). A profissão de boteiro era das

---

<sup>39</sup> MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Porto Alegre: Gráfica Metrópole, 1988, p. 90/91.

<sup>40</sup> *Ibid*, p. 91.

melhorzinhas de por ali... Muitos o invejavam. Coitados, não tinham mais o que invejar! Na verdade, sobravam-lhe uns cobrezitos pra se distrair na cancha de tava.<sup>41</sup>

Alzira é caracterizada, dentro do romance, como a mulher do campo que vai morar na cidade e, devido a um sistema social diferente, não se adapta ao mundo urbano. Verifica-se tais elementos no desconforto que a personagem sente ao estar rodeada de pessoas, o mínimo de aglomeração deixa-a nervosa e impossibilitada de reagir aos estímulos externos, ou seja, a convivência com as demais pessoas do povoado:

Viam bem o rancho dali, formigando de gente em roda. O coração de Alzira bate atropelado. Ela tem um pressentimento mau, uma ansiedade, quase um pavor daquela montoeira de gente. Nunca vira tanta gente junta. Ia convidar o marido pra voltar pra o rancho, quando chegaram. (...) Alzira entra, encabulada diante de tanto povo estranho. O guri berra, esperneia, dá com os braços, atira a cabeça pra trás. Atrapalhada, sem saber que atitude tomar, pára logo na entrada.<sup>42</sup>

Ao analisar o romance *Sem rumo*, recuperando alguns fragmentos que apresentam a personagem Alzira, constata-se que sua representação está centralizada na caracterização da mulher do campo, a qual chega pela primeira vez à cidade, passando pela expectativa de um novo destino, pelo medo do desconhecido, pela frustração ao verificar o que realmente é uma cidade e, principalmente, pela não adaptação ao novo contexto social do qual faz parte. Observa-se, também, que a personagem está alheia aos problemas político-sociais que circundam a vida do seu marido e, conseqüentemente, a sua, fixando-se apenas nos cuidados com a casa, com o marido e com o filho.

Diferentemente de *Sem rumo*, *Porteira fechada* apresenta Maria José, uma mulher que, enquanto jovem, vivia na cidade e, após casar-se com João Guedes, ruma para a campanha. Pode-se destacar duas características semelhantes entre as duas personagens até então apresentadas: a expectativa de uma nova vida na cidade e a frustração frente à verdadeira realidade urbana.

O retorno de Maria José à cidade de Boa Ventura se dá a partir da obrigatoriedade da saída do campo, como já apresentado anteriormente. Porém, diferentemente de seu marido, a personagem questiona sobre o destino que é imposto à família. João Guedes aceita as argumentações que Júlio Bica apresenta para retomada das terras, enquanto Maria José critica e indigna-se com a situação:

Maria José (...). Rememorava justamente esse diálogo, com uma nitidez que a assombra. Lembrava-se bem do tom de alarme com que perguntou: “E nós?” O coitado espichou os beijos e respondeu desanimado: “Nós...” Ainda conversaram mais um pouco, ele sempre de vistas gachas. Por fim ela não pode mais e teve que

---

<sup>41</sup> Ibid, p. 94.

<sup>42</sup> Ibid, p. 107/108.

desabafar: “Gananciosos, quanto mais têm, mais querem!” Aí o pobre lhe pediu calma, dizendo-lhe que com brabeza não se arrumava nada. Mas ela gaguejava de raiva: “Ah, eu não estar presente pra lhe cantar as boas!” O marido, sem fitá-la, limitou-se a dizer-lhe: “Foi bom, mulher. Podia ser pior”. Podia ser pior... De que jeito ia ser pior?<sup>43</sup>

O último questionamento apresentado no trecho é respondido no decorrer do romance. A chegada à cidade marcada pela esperança de uma nova perspectiva de vida e destruída frente à verdadeira realidade social de Boa Ventura, a realidade da periferia, da pobreza e da fome. Antes de se deparar com tal situação, Maria José acredita em um novo futuro, para si e para os filhos. A preocupação para com seus herdeiros é registrada durante toda a construção do romance, uma mãe caracterizada pela liderança do lar, pela educação e criação de seus filhos:

À medida que os cavalos troteavam, reduzindo o caminho, ela repetia as recomendações às filhas, feitas dès da véspera.  
 - Cuidado, meninas, vocês tenham modos. Não se parem a conversar à toa, não façam barulho, não mexam nas coisas, não corram dentro de casa. É muito feio a gente chegar numa casa e começar a bisbilhotar. Gente ignorante é que faz isso. Se se portarem sem modos, ela não deixa vocês andarem com a Maria Inês.  
 Sacudindo as rédeas e chupando o beijo para apressar os cavalos, os olhos fixos na estrada e o pensamento perdido numas imaginações que por vezes pareciam verdade, andou duas a três léguas como num sonho, tecendo planos, fantasiando diálogos, compondo um mundo irreal. Tita e Isabel, as duas mais velhas e as mais interessadas pela cidade e pela priminha, arrancavam-na, de longe em longe, impertinentemente, do ensimesmamento consolador.<sup>44</sup>

Os planos tecidos por Maria José são prejudicados pela realidade cruel da zona urbana. A personagem deseja alcançar os patamares de sua prima Querubina: a grande sociedade.<sup>45</sup> Porém, a sua ambição e seu desejo de subir os degraus que conduzem à grande elite social apenas facilitam a degradação da sua família. Essa ambição pode ser verificada a partir da crítica que a personagem faz em relação à casa que foi alugada pelo seu marido:

Maria José não gostou da casa que o marido alugara, nem do ponto. Achou que ficava muito pra fora. Oscar, a contragosto, teve que intervir. Como que não iam ficar com a casa, se fora ele que se empenhara para consegui-la, indo diversas vezes à procura do proprietário, tornando-se até cacete? Maria José, em vista disto, cedeu, mas mediante condições:

- Sim, eu vou pra casa, mas o dono que mande mudar todas as tábuas carunchadas do assoalho e do forro, e que mude também os vidros quebrados! Pobre não é cachorro.

<sup>43</sup> MARTINS, Cyro. **Porteira fechada**. Porto Alegre: Movimento, 2001.

<sup>44</sup> Ibid, p. 54.

<sup>45</sup> A prima Querubina, dentro do romance *Porteira fechada*, representa as mulheres da burguesia da época, as quais faziam parte de famílias com um poder aquisitivo mais elevado e que tinham as suas rotinas diárias destinadas aos cuidados com a casa, com o marido e com os filhos. As conseqüências oriundas de um novo sistema social, a fome, a pobreza e, conseqüentemente, a miséria, não afetam a vida da personagem. Portanto, Querubina, ao representar a grande sociedade da cidade de Boa Ventura, é utilizada, pelo autor, como contraponto para representação de Maria José, a qual é marcada por ter sua vida diretamente afetada pelos problemas socioeconômicos que marcaram o Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX.

O proprietário, comerciante aposentado que vivia das suas casas, alegou que o aluguel era muito baixo para tamanho luxo, mas ela soube impor-se e acabou vitoriosa, o que lhe valeu um comentário lisonjeiro da prima:  
- Tu ainda és a mesma, Maria José!<sup>46</sup>

A imposição de Maria José fez com que a casa fosse melhorada, porém, além desta conquista ela conseguiu apenas mais uma, a sua máquina de costura, a qual foi comprada por João Guedes apesar das poucas condições que a família possuía.

A vida da família Guedes, em três anos, sofreu grandes modificações. A expectativa e a esperança foram sendo substituídas, gradativamente, pela frustração e pelo sofrimento, já que não havia perspectivas de melhora, uma vez que agora faziam parte de uma sociedade caracterizada pela fome e pela miséria. A degradação da família, além de ser marcada pela prisão e pela morte do patriarca, também é representada por Cyro Martins através de Maria José. Pode-se ratificar esta afirmação a partir do episódio da filha Isabel que fugiu de casa com seu namorado:

Na peça mal-alumiada por uma vela que se acabava, encontrou um ambiente confuso, de desordem, a mesa arredada, umas cadeiras de pernas para o ar e roupas espalhadas pelo chão. Dum canto, ergueu-se um rosto lívido que havia muito só sabia ser duro, mas que se mostrava agora consternado, para lhe contar tudo de um jato, toda a desgraça que desabara sobre eles. A Isabel saíra de casa com o Ademar! O fato se dera ao anoitecer. A rapariga teve o cinismo de declarar abertamente que ia embora com o namorado. Ela se opôs, pediu, suplicou chorando, não houve nada. Agarraram-se. Lutaram. Por fim, a filha desnaturada a derrubou ali onde ainda se encontrava, exausta, sem fôlego para um suspiro, e se foi como uma cadela esquentada. Não, agora se acabava, era demais, não se achava com coragem para suportar tamanha miséria! Até então, viera lutando, agüentando, sabia Deus como! Sim, porque ela bem sabia que o marido roubava para sustentá-las, que ele mentia quando contava que arranjava este ou aquele ganho em campanha, sabia que ele não prestava para mais nada, que já era quase um inválido e que, além de tudo, dera em beber ultimamente. Ela também tinha seus erros, reconhecia. Sempre fora uma boba, uma ridícula, com pretensões a coisas que não estavam ao seu alcance. Esta cena inesperada o fulminou. Ouviu tudo calado. Aliás, sempre se calava quando Maria José erguia a voz. Ela o dominava sobretudo porque se expressava direito, dizendo como queria o que pensava.<sup>47</sup>

Neste fragmento, confirma-se a decadência da família Guedes. A ingratidão da filha, que agride a própria mãe e foge de casa com o namorado, marca o ápice degradação física e psicológica da Maria José, reflexo das desgraças que desabaram sobre a família como um todo. Reconhecia que o marido roubava para o sustento de todos e que acreditava nas mentiras apresentadas por ele para justificar o ganho. Sabia das reais condições de João Guedes, o qual é descrito pela própria mulher como um inválido, que não prestava para mais nada e que passava a encontrar refugio na bebida. Além de refletir sobre a real condição de

---

<sup>46</sup> Ibid, p. 60.

<sup>47</sup> Ibid, p. 75/76.

seu parceiro, Maria José reconhece seus próprios erros, os quais também contribuíram para o declínio das condições de vida dos Guedes, sabia que era uma boba, uma ridícula e que sempre tivera pretensões de coisas que estavam fora do alcance da família.

Ainda no mesmo fragmento, ratifica-se que Maria José representa uma mulher que vivia na cidade e que rumou para o campo devido ao casamento. Uma mulher mais instruída e, conseqüentemente, mais crítica em comparação às demais mulheres que nasceram e que sempre viveram no campo. O poder argumentativo da Maria José inibe o próprio marido, o qual sempre se calava quando a mulher erguia a voz, *ela o dominava sobretudo porque se expressava direito, dizendo como queria o que pensava*, capacidade que Guedes não possuía e que fazia-o calar-se perante às pessoas que sabiam se expressar e, principalmente, perante aos problemas que estavam a sua frente como, por exemplo, no dia de sua prisão, pois entregou-se sem ao menos tentar se defender.

O ápice da degradação física e psicológica de Maria José, descrita por Cyro Martins, vem acompanhada pela real condição de Guedes. Um casal que perdera a dignidade, os valores e a esperança frente a uma sociedade miserável e cruel:

O envelhecimento de Maria José acentuara-se horrivelmente com o desgaste daquela noite. Amassada a um canto da habitação, emagrecida, as bochechas chupadas, os olhos encovados, as maçãs do rosto proeminentes, tinha uma secura no olhar que traduzia todo o seu gelado rancor da vida e toda a sua desesperança de desforra.

Em frente, encolhido num banquinho baixo, João Guedes era um molambo de homem, que já nada mais tinha para perder.<sup>48</sup>

Já em *Estrada nova*, constata-se que o autor apresenta novamente uma mulher oriunda da própria zona rural, Francisca. Porém, essa mulher apenas assemelha-se à Alzira, personagem de *Sem rumo*, no que se refere ao nascimento na campanha do Rio Grande do Sul, pois Francisca, diferentemente de Alzira, está ciente dos problemas que circundam a família e tenta interferir, através de argumentações, mesmo que de maneira pouco efetiva, no destino que o coronel Teodoro traçou para ela e para seu marido, Janguta:

- Sim. O coronel Teodoro me deu parte do seu marido. Ele comprou este campo há seis meses e não há jeito de vocês saírem daqui. Já mandou o capataz uma meia dúzia de vezes avisar que tinham de sair e não fizeram caso. Isto é um abuso. É invasão de propriedade alheia. É crime. E a minha obrigação, como autoridade, é fazer cumprir o que é de direito, e pouco me importa se o acusado é pobre ou rico.

- Mas o Janguta já explicou um mundaréu de vezes pra o coronel que nós não se mudemo ainda não foi por falta de vontade de servi ele, foi por não tê pra onde i. Mas não tê mesmo!

- É, mas agora vão ter que dar um jeito.

---

<sup>48</sup> Ibid, p.76.

- Mas que jeito, seu Lobo, o senhor me diga? – perguntou Francisca, de voz alterada, abrindo as mãos, medrosa, num gesto de desamparo.
- Ué, o mesmo jeito que outros, na mesma situação, deram.<sup>49</sup>

Francisca está diretamente envolvida no problema que aflige o casal: a retomada das terras arrendadas. Como não tem para onde ir, o casal permanece no rancho, atitude desaprovada pelo coronel Teodoro, o comprador das terras, o qual pede a intervenção de Lobo, subprefeito do local, para retirada dos velhos do campo que já havia comprado. Francisca tenta argumentar, informa ao subprefeito que eles não têm para onde ir, e questiona de que jeito eles poderiam resolver a situação. Ao responder à pergunta de Francisca, Lobo informa que eles deveriam dar um jeito, porque todos os outros, que se encontravam na mesma situação, deram. A partir desse trecho, além de analisar o posicionamento de Francisca frente à retomada das terras nas quais vivia, Cyro Martins ratifica o processo de migração ocorrido no Estado, no qual inúmeras famílias tiveram que deixar suas terras e rumar para a cidade. No caso de Francisca e Janguta, esse processo de transição entre zona rural e zona urbana não se efetiva, mas a ameaça de saída das terras e a possibilidade de migração para a cidade refletem diretamente em Francisca, a qual continua a argumentar perante a sugestão apresentada por Lobo:

- Lobo, que parecia ter ficado pensando na solução a dar para o problema, indagou daí a pouquinho:
- Não tem um filho casado que mora em São João Batista?
  - É, temos. Até mais de um.
  - Pois, então, o caminho é esse, é irem pra casa dos filhos, ora essa! Total, estão velhos.
- Ao que ela, aterrada, contestou:
- Mas nós na cidade? Que horror! Calou-se uns instantes e logo explodiu, com raiva mesmo: - Mas isso é muita maldade do coronel Teodoro, é uma malvadeza! Eu me sinto desnordeada. Nós sabia que precisava sair daqui, mas não desse jeito, como criminoso. É isto que nós nunca vamo perdoá do coronel. Nunca saímos da campanha, seu Lobo. Mal conhecemo o Batista. E depois, o ranchinho dos filhos é tão pequeno... E não é só isso... E o sustento? Na campanha, a gente planta ao redor da casa uma lavourinha, colhe milho, batata, abóbora e uma vaca para tirar leite sempre se arranja.<sup>50</sup>

Francisca questiona a proposta de Lobo, a migração para a cidade. A personagem recupera em sua fala os problemas que circundam a morada na cidade: os ranchos de pequena extensão, a falta de terra para o plantio, como iriam se sustentar, sobreviver. Além desses aspectos, Francisca acredita que a chegada à cidade aceleraria a morte do casal. Seu desejo seria morrer no seu rancho, na terra na qual nasceu e viveu, no seu verdadeiro lar:

<sup>49</sup> MARTINS, Cyro. **Estrada nova**. Porto Alegre: Gráfica Metrópole, 1988, pag. 79.

<sup>50</sup> Ibid, p.79/80.

O Barão, diziam. Ah, Barão de Turupi. Morreu com oitenta ou noventa anos. Janguta o conheceu. Os barões são gente que dura muito. Também pudera, se passam do bom e do melhor! Mas, engraçado, para se ver como são as cousas, ela e o Janguta eram pobres, e estavam durando bastante, demais até. Indo para a cidade, porém, morreriam em seguida. Todos dizem que na cidade se morre em seguida. Que pena, ela queria morrer naquele rancho, ainda que fosse agora!<sup>51</sup>

Alzira, Maria José e Francisca representam três diferentes mulheres, apesar de estarem diante de problemas sociais semelhantes. Pode-se verificar que cada uma delas possui características diferentes no que se refere ao posicionamento diante do contexto em que estão inseridas. Alzira, nascida na campanha e que migra, após o casamento, para a cidade, é apresentada pelo autor como uma mulher que não reflete nem questiona sobre os problemas político-sociais em que seu marido, Chiru, está envolvido. Sua representatividade na obra centra-se na dona do lar preocupada com a casa, com o marido e com o filho. Sua chegada à cidade, imersa na fantasia de um lugar maravilhoso, e marcada pela decepção, pois o “povo” que imaginava em seus sonhos não era o “povo” que via diante de seus olhos.

Já Maria José é caracterizada pela moça da cidade que se dirige para o campo após o casamento. Seu retorno à cidade de Boa Ventura, decorrente da expulsão da família da campanha, é regado pela expectativa de uma vida melhor, se possível, uma vida semelhante à de sua prima Querubina. As fantasias criadas por Maria José se deparam com a realidade da zona urbana, a falta de emprego, a fome e a miséria. A personagem tenta lutar e superar todos os problemas, mas, como são inúmeros, seu destino foi, incondicionalmente, a degradação total, juntamente com seu marido e com seus filhos. Diferentemente de Alzira, Maria José questiona e reflete, durante todo o romance, as situações que ocorrem na sua vida, desde a saída da campanha até a chegada à cidade. Em pequenos episódios, ela consegue, com o seu poder argumentativo, algumas conquistas como, por exemplo, a reforma da casa alugada pelo marido e a compra da máquina de costura. No entanto, foram estas algumas das únicas conquistas de Maria José perante a sociedade da qual fazia parte, sociedade esta que a conduziu para uma degradação física e psicológica, entregando-se de vez a uma vida sofrida e miserável.

A personagem de *Estrada nova* nasce na campanha e vive durante toda uma vida na zona rural, porém, reflete e questiona sobre os problemas que envolvem sua família: a saída das terras e o improvável destino na cidade. Francisca diferencia-se de Alzira e assemelha-se à Maria José justamente pelo questionamento e pela consciência em relação à real condição social de sua família. Portanto, neste capítulo pode-se observar como Cyro Martins apresenta

---

<sup>51</sup> Ibid, p.93.



em seus romances mulheres que estavam inseridas dentro de contextos sociais semelhantes e que reagiam diferentemente frente aos problemas que marcaram suas vidas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cyro Martins afirma que o objetivo de sua obra não é fortalecer o mito do monarca das coxilhas, mas sim mostrar a real história do gaúcho do pampa. Para isso, utiliza-se, durante o processo de construção narrativa, de personagens e momentos históricos que interferiram diretamente na vida dos gaúchos, conduzindo-os para um destino que nada se assemelha ao mito apresentado na literatura rio-grandense desde o Partenon Literário. O autor, a partir dos fatos históricos, constrói um cenário que justificará as ações de suas personagens e os caminhos que serão traçados por elas. Dentre os personagens históricos apresentados no decorrer desta análise pode-se destacar as figuras de Borges de Medeiros e de Getúlio Vargas, pois as suas formas de governo, estadual no caso de Borges e central no caso de Vargas, refletiram diretamente na política, na economia e na sociedade caracterizando, desta forma, toda uma geração.

Em relação aos momentos históricos utilizados na construção dos três romances, destaco aqui os que mais se repetem na essência das obras, um relacionado ao contexto econômico e o outro relacionado ao contexto político: a ampliação da produção agrária e o processo eleitoral da época. Constatou-se durante a elaboração desta análise que estes foram dois dos principais fatores que interferiram diretamente na vida das personagens que fazem parte da trilogia do gaúcho a pé. Em *Sem rumo*, a vida de Chiru sofre grandes transformações devido ao processo eleitoral marcado pela fraude, pela corrupção e pela violência. Já em *Porteira fechada* e *Estrada nova*, os destinos de João Guedes e de Janguta são determinados pela retomada das terras arrendadas, as quais serão destinadas ao engorde do gado, reflexo da grande expansão agrária no Estado. Esses dois fatores político-econômicos refletem diretamente na vida das personagens conduzindo-os para a fome, para a pobreza e para a miséria. Portanto, pode-se afirmar que durante a construção ficcional de Cyro Martins há uma relação direta com a história do Rio Grande do Sul, pois, sem ela, não se poderia justificar o motivo pelo qual a vida das personagens sofreram grandes transformações. Confirma-se, portanto, que a relação entre história e ficção se dá durante todo o processo de construção dos romances *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova*.

Ao desconstruir o mito do monarca das coxilhas, o autor também traz em suas obras a representatividade da figura feminina que esteve lado a lado com esse gaúcho decadente. Alzira, Maria José e Francisca representam as mulheres que, juntamente com seus maridos, estavam diante dos mesmos problemas político-econômicos que marcaram um grande período

da história do Estado. Constatou-se. Cada uma delas reage diferentemente em relação ao contexto social em que estão inseridas.

Em *Sem rumo*, Alzira caracterizada pela mulher do campo responsável pelo lar, pelos cuidados com o marido e com o filho, distingue-se das duas outras personagens por não refletir nem argumentar, mesmo que subjetivamente, a sociedade da qual faz parte. Difere-se também do próprio marido, Chiru, o qual sente-se ameaçado e perturbado pelo sistema político vigente na época, estimulando, desta forma, sua reflexão sobre o sistema eleitoral.

Já em *Porteira fechada*, Maria José representa as mulheres com instrução e que possuíam a capacidade de refletir e argumentar sobre sua condição de vida. A personagem também é caracterizada pelas rotinas do lar, uma vez que os cuidados com a casa e com os filhos estavam destinados a ela, porém, diferentemente de Alzira, Maria José questiona os problemas impostos pelo novo contexto social do qual fazia parte, característica esta que é apresentada pelo autor desde a saída da família da zona rural até a chegada à cidade. Maria José também pouco se assemelha ao seu marido, no que se refere ao posicionamento frente aos problemas que enfrentam. Enquanto a mulher sonha e tenta modificar o destino de sua família, João Guedes se entrega à degradação imposta pela sociedade, sendo levado ao roubo, à cadeia e a morte.

Maria José é a marca da mulher que passa não mais a se dedicar apenas às lidas domésticas. Devido às necessidades da família, começa a costurar para outras pessoas tentando, dessa forma, auxiliar na renda da família, já que o marido não possuía emprego e nem perspectivas de melhorar de vida. Após a morte de Guedes, essa atividade desenvolvida passa a ser o único sustento para manter a casa e criar os filhos.

Em *Estrada nova*, Cyro Martins, através da personagem Francisca, caracteriza a mulher do campo, nascida e criada na zona rural, que está ciente dos problemas enfrentados pela família. Portanto, pode-se verificar que, diferentemente de Alzira, a personagem de *Estrada nova*, manifesta-se em relação às condições impostas por coronel Teodoro no que se refere à saída do campo e à migração para a cidade. Mais uma vez, constata-se que a representação da mulher diferencia-se na representação do homem, pois Janguta não manifesta-se, efetivamente, frente ao problema enfrentado pela família, o mesmo aceita, sem argumentações, o destino determinado por uma nova sociedade.

Confirma-se, portanto, que além de apresentar o homem pampiano, utilizando como elementos na sua construção narrativa alguns personagens e fatos que marcaram a história do Rio Grande do Sul, os quais dão suporte às ações e aos destinos das personagens, Cyro Martins também apresenta a real condição das mulheres pampianas, as quais vivenciaram os

mesmos problemas sofridos pelos seus homens. Portanto, ao analisar as obras *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova* pode-se afirmar, a partir das considerações apresentadas no decorrer deste trabalho, que não estamos diante apenas da trilogia que retrata o gaúcho a pé, mas sim, estamos diante de uma trilogia que, ao denunciar a real condição da população rio-grandense perante aos problemas políticos, sociais e econômicos, também representa a imagem da mulher gaúcha. Confirma-se, portanto, que as obras de Cyro Martins são caracterizadas através da representação dos gaúchos e das prendas a pé.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERND, Zilá. **O gaúcho a pé**: estudo do romance social de Cyro Martins. Porto Alegre, 1977. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

FERREIRA, Sílvia Lucia NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (org.). **Imagem da mulher da cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord.) GERTZ, René (dir.). **República**: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos, 2007 – V.4.

KETZER, Solange Medina. **A narrativa de Cyro Martins**: uma história em trilogia. Porto Alegre, 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

KETZER, Solange Medina; MOREIRA, Maria Eunice; MARTINS, Maria Helena. **Múltiplas leituras**: ensaios sobre Cyro Martins. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

LEAL, Elisabete da Costa. **O Positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a Moral e a Mulher (1891-1913)**. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LEITE, Christina Larroudé de Paula. **Mulheres**: muito além do teto de vidro. São Paulo: Atlas, 1994.

MARTINS, Cyro. **Estrada nova**. Porto Alegre: Gráfica Metrópole S.A, 1988.

MARTINS, Cyro. **Porteira fechada**. Porto Alegre: Movimento, 2001.

MARTINS, Cyro. **Sem rumo**. Porto Alegre: Gráfica Metrópole S.A, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A representação ficcional do Rio Grande do Sul na obra de Cyro Martins**. Disponível em: <http://www.celpsyro.org.br>. Acesso em: 08 de abril de 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. **Autores Gaúchos**: Cyro Martins. 6ª. ed. Porto Alegre: IEL: ULBRA: AGE, 1995

URBIM, Carlos (coord.). **Rio Grande do Sul**: um século de história. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.